

“Nabucos em Pretos e Brancos”: Novas narrativas jornalísticas na obra de Fabiana Morais¹

Edileusa MARTINS²
Elvis GUIMARÃES³
José CAVALCANTI NETO⁴
Verônica RUFINO⁵
Luiz Custódio da SILVA⁶
Universidade Federal da Paraíba, PB

RESUMO

Um jornalismo criativo e com uma abordagem aprofundada dos fatos são características das narrativas contemporâneas que abrangem as perspectivas do *New Journalism*. A este movimento literário-jornalístico incorporam-se concepções acerca de um processo de extinção do lead clássico e, conseqüentemente, da pirâmide invertida, observadas principalmente em matérias especiais e reportagens multimídia. É nesta perspectiva que se pretende analisar o especial “Joaquim Nabuco – Quase Brancos, Quase Negros; Um Pé no Salão, Outro na Senzala”, produzido por Fabiana Moraes. A obra, apesar de ser considerada pela autora uma prática de “jornalismo de subjetividade”, apresenta e explora a complexidade de cenas cotidianas e confere, com profundidade, naturalidade e veracidade, um discurso pautado pelo objetivo de sair do senso comum no que se refere a pessoas ou grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas Complexificadas; Joaquim Nabuco; Fabiana Moraes; Jornalismo Literário; New Journalism.

TEXTO DO TRABALHO

Dejetos, buracos, água servida passando em frente aos casebres como rio perene ao encontro do mar e, como não poderiam faltar, mosquitos.

“Esses maruins que geralmente mordem os pretos - não porque gostem mais, atente, mas porque são geralmente eles que vivem perto das coisas podres e dos alagados - vez em quando também mordem um branco. O efeito é o mesmo. Coça, coça. No preto, nem aparece tanto, só quando a pele está seca e fica aquela marca cinza feita pela unha. No branco, a cor que a unha deixa é outra, o risco é

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestranda do Curso de Jornalismo do PPJ-UFPB, email: edileusa.jornalista@gmail.com.

³ Mestrando do Curso de Jornalismo do PPJ-UFPB, email: elvismacielguimaraes@gmail.com,

⁴ Mestrando do Curso de Jornalismo do PPJ-UFPB, email: netojcavalcanti@gmail.com.

⁵ Mestranda do Curso de Jornalismo do PPJ-UFPB, email: veronicamrsousa@gmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do PPJ-UFPB, email: custodiolcjp@uol.com.br.

vermelho, tem ainda as marcas das mordidas. É assim que está a pele viçosa de Láís, 5 meses. Ela é fininha, suave e cheia de vermelhinhos. Coça, coça.” (MORAES, 2010, p. 12).

A narrativa de Moraes, edificada através de um olhar subjetivo que explora a complexidade de cenas cotidianas, confere com profundidade, naturalidade e veracidade um discurso pautado pelo objetivo de sair do senso comum no que se refere a pessoas ou grupos. Em “Joaquim Nabuco – Quase Brancos, Quase Negros; Um Pé no Salão, Outro na Senzala” a autora encontra um terreno fértil para “provocar uma fissura no olhar estabilizado das coisas⁷”, como bem definiu o seu trabalho durante o seminário “Narrativa e subjetividade na produção jornalística de Fabiana Moraes”.

A obra, ganhadora dos prêmios Cristina Tavares de Jornalismo e o Embratel de Cultura, é um caderno especial produzido para o Jornal do Commercio, de Pernambuco, em homenagem ao centenário do abolicionista Joaquim Nabuco em 2010. A partir de suas pesquisas, a autora dividiu o caderno em duas partes. *Quase Brancos, Quase Negros* mergulha no universo das contradições e do mito da “democracia racial”. Foram entrevistadas cinco pessoas negras em posição de empoderamento - os quase brancos - e cinco de pele branca na faixa de risco social, quase negros. *Um Pé no Salão, Outro na Senzala* fala de Joaquim Nabuco - figura heroica nos livros de história do ensino médio – não apenas como homem de interesses abolicionista, mas também complexifica Nabuco através do seu lado mulhengo com forte inclinação à celebridade e seu flerte com as teorias evolucionistas que indicavam a superioridade da raça branca.

Em tempos de ebulição das políticas afirmativas para acessibilidade de negros a equipamentos sociais, os tensionamentos narrados no caderno especial se mostraram necessários ao debate e, após dois anos, as reportagens foram ampliadas com fotos e artigos inéditos para composição do livro *Nabuco em Pretos e Brancos*.

1. Quase jornalismo literário, quase *New Journalism*

O clássico conceito da técnica de redação jornalística Pirâmide Invertida, que estrutura uma notícia a partir do *lead* condensando os dados mais relevantes da informação com resposta às perguntas o que, quem, onde, como, quando e por quê está em vias de

⁷ Palestra da jornalista Fabiana Moraes durante o seminário ocorrido no dia 10/12/15 no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

extinção, ou, como analisa CANAVILHAS (2006), este *lead* clássico ficará restrito às notícias de última hora na *Web*.

“Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atractiva.” (CANAVILHAS, 2006, p. 6).

Mesmo fazendo referência ao webjornalismo João Canavilhas indica que esta técnica da objetividade cerceia as ações criativas e de profundidade do jornalismo. É o que não percebemos nas narrativas contemporâneas, em especial nas reportagens multimídias e matérias especiais de jornais e revistas impressas.

Neste campo de classificações e referencialidade no jornalismo, Moraes diz não rotular o seu trabalho como jornalismo literário. Prefere conceber à sua escrita a alcunha de “jornalismo de subjetividade”, que imerge no mundo dos personagens reais para retratá-los fora de enquadramentos pré-estabelecidos; uma redação “fora da caixa”, que surge a partir da observação participante, de uma relação assimétrica com os personagens, e de um olhar sensível e crítico do campo em que está inserido.

Apesar da negativa da autora em relação a sua obra ser classificada como jornalismo literário, é possível identificarmos traços do *New Journalism* em seu trabalho.

Surgido nos anos 60, nos Estados Unidos, em um primeiro momento esse movimento literário-jornalístico causou estranheza ao utilizar-se da estilística de contos ou romances nas reportagens de jornais. Em pouco tempo a “*Nouvelle Vague*”⁸ do jornalismo americano ganhava espaço e nomes como Tom Wolfe, Gay Talease, Truman Capote e Norman Mailer, entravam para a história do jornalismo. A pesquisadora Márcia Detoni (2010) analisa que a efervescência do pensamento científico da primeira metade do século XX foi fundamental para a quebra do paradigma da notícia como retrato fiel da realidade (Teoria do Espelho), e do repórter como agente separado de sua narrativa.

“Os novos jornalistas começaram a produzir reportagens mais profundas, amplas e detalhistas, com uma postura ética e humanizada. Mesmo se o acontecimento continuava a ser o principal referente do discurso jornalístico, o centro da enunciação passou a ser a perspectiva do jornalista, impressionista e subjetiva. O texto ganhou um valor estético, e os fatos começaram a ser narrados cena a cena a partir do ponto de vista e das impressões do

⁸ Movimento artístico do cinema francês do início dos anos 60, cujas principais características eram a liberdade das narrativas, de atuação dos atores, composição inusitada, montagem não-linear. Cada diretor imprimia o seu estilo na chamada “política de autores”. (OLIVEIRA, 2015, p. 12)

autor ou de diferentes personagens. A reportagem passou a registrar diálogos completos, hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.” (DETONI, 2010, p. 73)

Na reportagem especial sobre Joaquim Nabuco é possível identificarmos as características descritas do movimento americano. A escrita sensorial de Moraes é ainda denunciativa, solidária e afetuosa. Balizando as proposições da pesquisadora Cremilda Medina pela atuação de um jornalista mediador social dos discursos da atualidade. (Medina apud Detoni, 2010, p. 74)

2. Atorização - A subjetividade ganha voz no jornalismo

Assim como nos Estados Unidos, a década de 1960 foi, no Brasil, o período de maior utilização de recursos literários por parte dos jornalistas, através das práticas do New Journalism, como afirma Medina (1988). Assim, o jornalismo incluiu em seu discurso características das narrativas literárias, como a humanização de personagens e a caracterização cultural e social de um espaço ou de um período.

Como afirma Melo:

“A natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista, enfim, da padronização da informação de atualidade [...], foram relegadas a segundo plano, quando não completamente abandonadas.” (MELO, 1985, p. 22).

Como se percebe, a humanização proposta por esta nova prática de jornalismo, possibilitou maior aproximação entre leitor e narrador, uma vez que a leitura se tornou mais dinâmica e agradável.

A globalização – e a conseqüente, convergência tecnológica trazida com ela, afetou intensamente as práticas sociais e atuação de seus agentes. No jornalismo não foi diferente. As tecnologias, estratégias e lógicas da mídia passaram fazer parte das relações de vários campos sociais, num processo de midiatização, que afeta o modo de ser de toda sociedade.

Para Fausto Neto, a midiatização surge com a evolução dos processos midiáticos das sociedades industriais e traz consigo “novos modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas” (FAUSTO NETO, 2008, p. 90).

Como características deste processo de mediação, Soster (2013) destaca: auto referênciada, coreferênciada, descentralização, dialogia e atorização.

Sobre esta última referênciada, identificada na reportagem de Fabiana Moraes, objeto de estudo deste artigo, Fausto Neto enfatiza que:

“Na então ‘sociedade dos meios’ (marcada pelo protagonismo das mídias), os jornalistas funcionavam como uma espécie de ‘elo de contato’ entre instituições e leitores, mas segundo enunciações que os mantinha a distância dos acontecimentos. Na atual sociedade em vias de mediação são convertidos em atores, segundo outro modelo de performance midiática. São deslocados, ao lado dos leitores, para novas ‘zonas de contato’.” (FAUSTO NETO, 2011, p. 239)

Complementando a afirmação do autor, Piccinin e Soster (2013) abordam a atorização como uma nova forma de demonstração da realidade, de forma autêntica, espontânea e imediata. “Ou seja, o jornalista passa de mediador para ator, em razão de que, a partir da mediação tem-se a dimensão atorial do campo jornalístico sendo deslocada para atores específicos, neste caso, os jornalistas”. (PICCININ E SOSTER, 2013, p.329)

Na reportagem de Fabiana Moraes, a atorização se faz presente em diversos trechos:

“Tem tudo isso na casa de Esdras, tem inclusive a bonita foto do seu primeiro ano de vida ali perto da cama que ele divide com Mayara. Na montagem, a gente o vê menorzinho (“já sabe falar até helicóptero”) ao lado de Donald e Pateta, cisnes brancos, um lago cor de céu aparece lá atrás, é um paraíso específico. Lá, a água não dá ferida no pé. Lá, Esdras pode brincar com os peixinhos da piscina transparente.” (FARDO DE OLHOS CLAROS)

“Jéssica também sentiu o cabelo longo, preto, bonito, ser puxado. Os fios voam quando elas fazem as fotos, uma delas pede: “Não me deixa morena, tá?” Gostam do branco.” (AS ISAURAS DO MASSANGANA)

“Era perfeito para o rapaz que usava uma polêmica (porque inovadora) pulseira de ouro e adorava exibir seus naturalmente construídos dotes aristocráticos”. (JOAQUINS)

“Vai comprar uma Coca-Cola dois litros para oferecer às visitas. Fez pipoca também. Não precisa, não precisa, mas ela insiste e volta com o garrafão preto gelado, serve em copos de plástico. O refrigerante soa como o único artigo de luxo dentro do apartamento descascado, a única coisa realmente nova, fresca, sem nada que lembre o tempo em que apanhava, o tempo (foi ontem) em que se prostituía, o tempo em que Raul, ou Cláudio, ou Luiz, ou José, a abraçava.” (PROSTITUTA, QUASE LIVRE)

Nos trechos citados acima é notória a inclusão das percepções de Fabiana Moraes, externando a sua perspectiva e visão particular sobre os personagens, os cenários e os acontecimentos. Assim, como referenciado pelos autores supracitados, através da midiaticização, a repórter também é protagonista do acontecimento, é um ser humano que expressa suas emoções e sentimentos.

Como retrata Santos (2013), o enfoque em histórias de ‘interesse humano’, a descrição de cenários e a inclusão da percepção do jornalista proporcionam ao leitor a possibilidade de realização de uma releitura do acontecimento, despertando sua emoção e o atraindo para o texto.

3. Narrativas abrangentes: o público mais próximo da realidade

A autora Cremilda Medina (2008) nos apresenta um artigo no qual versa sobre a tendência da mídia contemporânea de fragmentar a abordagem dos assuntos de sua pauta. Para ela, essa é uma tendência presente em diversos campos da sociedade. Medina diz que:

“[...] se verifica a fragmentação das ideias, a dispersão interpretativa dos acontecimentos, a incapacidade de articulação dos nexos de sentido. [...] As práticas do Diálogo Social – seja através de mediadores-autores da Comunicação, seja em outras mediações como Ciência e Sociedade ou educador e educando – resvalam, no cotidiano, para reduções esquemáticas ou ideológicas.” (MEDINA, 2008, p. 78).

Se no jornalismo observamos uma maior exploração de notícias mais curtas ou de abordagens menos abrangentes, em outras áreas podemos perceber que essa tendência permeia outras atividades, mostrando-se uma problemática macrossocial. Se ligarmos o rádio, certamente ouviremos quase que 100% das músicas com no máximo 5 minutos, quase todas com letras vazias que desconhecem a poética e com harmonias simplórias, em detrimento das grandes sinfonias, concertos e óperas. Cada vez mais consumimos filmes de heróis com pouco enredo e muito entretenimento enquanto contamos nos dedos as produções de filmes de artes. Esse fenômeno segue a lógica de produção industrial, que visa à produção em massa, com fórmulas padronizadas, com pouco espaço para a inovação e o aprofundamento. O consumo vem à frente da reflexão e abstração. Isso ajuda cada vez mais a não inserção sociopolítica da população consumidora. É preferível, para os produtores, investir tempo e recursos em algo que já está no gosto do público mediano, sem se importar se o produto final será superficial e de qualidade questionável.

Não obstante a problemática tratada acima, segundo MEDINA (2008, p. 78), conseguimos encontrar alguns poucos autores “de visão complexa em meio a um oceano fragmentário de diluidores do factual imediato”. É neste ponto que entendemos a obra *Nabuco em Pretos e Brancos* da jornalista Fabiana Morais, objeto central deste artigo, como um exemplo claro de narrativa que vai na contramão da tendência social, em busca de abordagens complexificadas e aprofundadas, atuando como importante ferramenta no papel de dar ao público uma melhor compreensão do real concreto de acordo com a visão de Cremilda Medina. Para esta, segundo um estudo dela mesma em parceria com Paulo Roberto Leandro, quatro instrumentos de aferição e aprofundamento compreensivo do real concreto devem estar presentes em uma narrativa para que ela não seja apenas mais uma entre tantas que se apoiam na fragmentação e encurtamento do resultado final, quais sejam: “a humanização dos protagonistas da ação social, o contexto abrangente do acontecimento pontual, as raízes histórico-culturais da situação em foco e os diagnósticos e prognósticos dos especialistas que pesquisam o tema” (MEDINA, 2008, p. 79).

Portanto, apresentamos alguns excertos do texto de Fabiana Morais que contém as características supracitadas:

Humanização dos personagens:

“É comum, à tarde, ver as irmãs sentadas à porta da casa branca do teto de zinco, os bebês no colo ou no carrinho, conversam sob os pés de árvore enquanto os caminhões que expandem um novo polo industrial ali perto passam, fazem barulho nos buracos de lama, fazem novos buracos para a próxima lama.” (AS ISAURAS DO MASSANGANA).

Percebemos nesses dois trechos como a jornalista relata detalhes que tiram os personagens do patamar de indivíduos que engrossam uma desconfortável estatística para um país que visa ao desenvolvimento e os retratam como seres humanos, pessoas que têm suas histórias, seus (grandes) problemas e vivem seus dissabores diários. Além de detalhar melhor a passagem para os leitores, essa forma de narrar torna o texto mais convidativo e menos frio.

Raízes histórico-culturais:

“Em 1869, o Preto Tomaz livrou-se da pena de morte ao ser defendido por Nabuco. Em 2010, um ex-detento de pele clara tenta se livrar do preconceito e da falta de emprego. Nesse caso, foi Jesus, e não Nabuco, que

o livrou da morte, como aconteceria com o Tomaz preso na Casa de Detenção do Recife e julgado no dia 24 de junho de 1869 no Tribunal do Júri.” (O BRANCO TOMÁS)

A fim de proporcionar ao leitor uma maior imersão no contexto da reportagem, Moraes faz paralelos entre as histórias atuais e outras do tempo de Joaquim Nabuco. Além de tornar a narrativa mais convidativa, esse recurso dá à obra condições de oferecer um maior aporte social e histórico a quem a consome, propiciando uma melhor compreensão da complexa realidade, que muitas vezes fica obscurecida pelas lacunas presentes nas narrativas fragmentadas.

Prognósticos e diagnósticos de especialistas:

“Além de Ricardo Salles, autor do livro Joaquim Nabuco: um pensador do Império, este suplemento também traz entrevistas com pesquisadores como a socióloga Angela Alonso (Universidade de São Paulo e Universidade de Yale), cuja fala mostra um olhar generoso - porque dialético - sobre Nabuco; Célia Maria Marinho de Azevedo (Universidade de Campinas/SP); Humberto França, chefe de Projetos Especiais do Museu do Homem do Nordeste/Fundaj (também assina a seleção bibliográfica sobre o abolicionista que você vê na página 15); o sociólogo Arim Soares do Bem (Universidade Federal de Alagoas); e o economista Marcelo Paixão (Universidade Federal do Rio de Janeiro).” (UM MODERNO TRADICIONALISTA).

Trazer visões diversas de especialistas de diferentes áreas relacionadas ao tema é uma ferramenta também utilizada pela jornalista. Esse recurso dá maior respaldo à publicação, dando-lhe um aporte além da visão da autora. Ademais, oferta ao público uma maior pluralidade de pontos de vista. Não se trata de ouvir os dois lados da história, mas de dar espaço aos diversos lados e beber das diversas fontes especializadas.

Contextualização abrangente:

“Ela desce três escadas até o térreo, a família quis morar no terceiro andar de um dos prédios do conjunto habitacional porque era ‘mais chique’. Vai comprar uma Coca-Cola dois litros para oferecer às visitas. Fez pipoca também. Não precisa, não precisa, mas ela insiste e volta com o garrafão preto gelado, serve em copos de plástico. O refrigerante soa como o único artigo de luxo dentro do apartamento descascado, a única coisa realmente nova, fresca, sem nada que lembre o tempo em que apanhava, o tempo (foi ontem) em que se prostituía, o tempo em que Raul, ou Cláudio, ou Luiz, ou José, a abraçava. Ela coloca a garrafa na estante, a cortina rosa que separa a sala dos quartos lá dentro voa um pouco e dá para ver parte de uma cadeira

de rodas. ‘Quer Coca, mãe?’ Ninguém responde.” (PROSTITUTA, QUASE LIVRE).

Essa característica se apresenta como recurso bastante diferencial em narrativas longas e complexificadas em relação às mais curtas e fragmentadas. Trata-se de dar ao leitor a possibilidade de mergulhar no universo, como se estivesse na cena relatada, tamanha riqueza de detalhes. Esse detalhamento minucioso também aproxima o leitor da história, enquanto estilo de escrita, pois é fundamental na tentativa de ofertar uma maior proximidade do público com o real social. Quanto mais detalhes estiverem narrados, mais o público poderá compreender a realidade e não haverá necessidade de que trechos confusos, mal explicados ou omitidos precisem ser preenchidos por deduções (muitas vezes equivocadas). Detalhar e contextualizar é municiar o público para construir uma visão de mundo mais próxima da realidade.

4. A exploração de recursos para enriquecer as narrativas

Na obra *Nabuco em Pretos e Brancos*, Fabiana Moraes lança mão de uma série de artifícios narrativos para abastecer a história de atrativos linguísticos e estéticos que catalisem o consumo do texto pelo leitor e o tornem ainda mais atrativo. Neste tópico, abordaremos tais ferramentas que reinventam a maneira como se contam as histórias no jornalismo contemporâneo, mais especificamente as de Fabiana.

Antes de tudo, é preciso destacar o novo ambiente que abriga os formatos narrativos atuais. Gerados nas novas plataformas e tecnologias midiáticas, “as narrativas contemporâneas vão instaurando uma ambiência marcada pela multiplicidade de formatos e conteúdos”, afirma Piccinin (2014, p. 77). O fato é que, mesmo preservando a essência da necessidade humana de contar histórias, as novas narrativas estão em constante atualização e construção. São híbridas e não se tipificam (PICCININ, 2014), nem se prendem a uma “tecnologia que lhe dê vida, mas em várias ao mesmo tempo, diluindo as fronteiras entre os conceitos narrativos praticados e tão vigorosos até a Modernidade” (PICCININ, 2014, p. 78).

A linha narrativa de *Nabuco em Pretos e Brancos* é um exemplo dessa “porosidade conceitual” defendida por Piccinin. Durante todo o desenvolvimento da história, percebe-se o tempo e o espaço dissolvidos numa não-linearidade provocada pelos constantes entrelaces temporais e temáticos promovidos pela autora. Por exemplo: em determinado momento a

narrativa de “Joaquins” se estabelece no *Montmartre*, em *Paris*, para, logo em seguida, ingressar na pequena cidade de Paracatu, Minas Gerais.

Morais também concretiza o que Piccinin (2014, p. 80) chama de “complexificação dos gêneros e fragmentação de entidades narrativas”, com o deslocamento da figura do narrador para o mesmo patamar do personagem, como já foi tratado neste artigo. O que acontece, portanto, é a fusão de diversos *modus operandi* com um objetivo comum: imergir o leitor na história e mantê-lo “submerso” até que o final seja alcançado, como aponta Lia Seixas:

“Todo gênero poderia conter sempre vários outros gêneros. Os gêneros seriam apenas as categorias propriamente literárias (próprias ao nível estético da literatura). Os modos seriam as categorias provenientes da linguística ou mais exatamente de “uma antropologia da expressão verbal”. E os tipos seriam os ideais, os tipos ideais, classes mais vastas e menos específicas, como o tipo épico.” (SEIXAS, 2009, p. 38)

A música, por exemplo, foi utilizada no livro para retratar de forma lírica os contrastes entre negros e brancos nas histórias dos personagens apresentados. Em “O Branco Tomás”, Fabiana insere um excerto da música Haiti, dos cantores e compositores Gilberto Gil e Caetano Veloso, que trata a questão da criminalidade atrelada aos estereótipos raciais:

“[...] E ao ouvir o silêncio sorridente de São Paulo/ diante da chacina/111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos/ ou quase pretos, ou quase brancos, quase pretos de tão pobres/E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos [...]” (Haiti - Gilberto Gil e Caetano Veloso)

Em “O Padre filho de Oyá”, a jornalista também faz uso do mesmo artifício. Dessa vez, com “Em nome de Deus”, do compositor mineiro Milton Nascimento: “Em nome do povo sempre deportado, pelas brancas velas, no exílio dos mares; marginalizado no caís, nas favelas e até nos altares”. Neste ponto, vale enfatizar que além da proximidade temática entre as histórias contadas e as músicas, existe uma referência à própria identidade dos autores das canções. Milton, por exemplo, além de negro tem uma forte ligação com a religião afro, assim como a cristã num passado não muito distante, o que – de certa forma – personifica a própria vida do padre Clóvis, em “O Padre filho de Oyá”. Nessa mesma história, Moraes também adiciona trechos da Bíblia para auxiliar na condução do texto.

A narrativa do livro traz uma abordagem inovadora para o que seria o lead de “Da Cohab para Manhattan”, onde insere, na íntegra um trecho de uma convocação da organização do evento Miss Pernambuco Infantil para dar início à história. O fragmento funciona literalmente como substituto da estrutura tradicional do primeiro parágrafo da notícia, expressando de forma lúdica as principais informações para a introdução de um fato.

“Oi, pessoal, tudo bem? Estamos selecionando modelos negras ou mulatas, podem ser claras também, desde que tenham cabelos bem cacheados ou crespos e sejam bonitas, com altura mínima de 1,65 metro. A seleção será amanhã, 10/3, terça-feira, às 13h, na agência localizada na Vila Mariana. Serão selecionadas 20 garotas para fazerem escova orgânica – última palavra em alisamento sem formol que trata do cabelo – na feira Hair Brasil, que ocorre no final do mês de março. O tratamento será feito com profissionais de BH sobre um palco, por isso a modelo deve ser desinibida e bonita, OK? Cachê é de R\$ 180 para um tratamento que, no salão, custa cerca de R\$ 1.200.” (DA COHAB PARA MANHATTAN)

Os recursos narrativos de *Nabuco em Pretos e Brancos* não se limitam ao campo textual. A diagramação das reportagens especiais também contam histórias. As fotos e as ilustrações dialogam e geram símbolos linguísticos visuais que prendem a atenção do leitor. Cada uma das personagens retratadas têm uma foto e um elemento gráfico de referência. Na Figura (1) é possível ver a foto de que ilustra a reportagem acerca de Tomás, um ex-detento. Na parte inferior da imagem, entrelaçada com as gravuras, está um par de algemas, que identificam a temática da história. O mesmo acontece na Figura (2), do padre Clóvis, em cuja ilustração é possível identificar um terço e uma cruz.

Esse artifício gráfico povoa todas as demais histórias do livro e acrescentam um tratamento lúdico e semiótico à narrativa, já que os elementos passariam despercebidos a olhos desatentos, tamanha a inserção na identidade visual da reportagem.

Figura 1 – Algemas identificam o tema da reportagem



Figura 2 – Imagem de terço e cruz ajudam leitor a identificar temática



5. Considerações finais

A dualidade, a polarização e o contato (mesmo que atemporal) entre conceitos, personagens e contextos históricos embasam toda a narrativa de Fabiana Moraes. O contraste entre preto e branco da identidade visual presente no projeto gráfico do especial, a convivência entre cristianismo e religiões afro, entre a origem abastada e a humilde dos Joaquins, do padrão de beleza midiático das passarelas e da beleza negra de Paula, do sincretismo religioso da Nossa Senhora da Boa Morte. Muito além do conflito entre dois lados, duas cores, duas realidades, a autora apresenta a coexistência, mesmo que tardia, mesmo que em vias de estabelecimento. O especial é um ultimato contra o preconceito que ainda existe e uma ode a todas as histórias de vida marcadas pelas realidades quase negras e quase brancas.

Somos todos negros e brancos. Somos acinzentados pela miscigenação que permitiu a existência das histórias de Paula, Joaquins, Clóvis, Estelita e Barbara. E todo esse manifesto é apresentado envolto nos novos caminhos que a autora, como jornalista, seguiu

para contar suas histórias. Desde os recursos linguísticos até os gráficos, Moraes prova que é possível encontrar alternativas atrativas ao leitor e que não necessariamente careça da roupagem digital. O cerne de *Nabuco em Pretos e Brancos* está no jornal impresso. O especial foi concebido para as páginas do jornal e, mesmo sem tais artifícios da ambiência digital típica da internet - ainda que tenha sido convergido para uma versão online -, apresenta interconexões temporais, hiperlinks e elementos linguísticos inovadores.

Esse novo modo de relatar os fatos surge, na verdade, como consequência da constante e frenética mudança que sofre o público dentro da sociedade em vias de midiatização, que confere àqueles que antes eram apenas consumidores o poder de mediação nos processos de interação comunicacional. Sem o antigo controle absoluto sobre a emissão de conteúdo em grande escala, os veículos de comunicação se veem obrigados à reinvenção, à atualização e, principalmente, à adaptação. Rastros dessa nova conjuntura são as características abordadas neste artigo: o repórter, ou narrador, como um dos “atores” ou personagens da história; a produção de narrativas abrangentes, fugindo tendência do mercado de fragmentação das coberturas midiáticas; e a exploração de recursos verbais e não-verbais diversificados, que são adicionados à narrativa de modo a torná-la mais rica e atrativa.

Diante do surgimento de novas narrativas e a influência que exercem sobre o público, fica evidente a necessidade de estudos mais aprofundados sobre esse novo “New Journalism” que se configura e seus representantes, como a jornalista e escritora Fabiana Morais.

Referências

BARTZ, Rodrigo. **Jornalismo E Literatura: As Complexificações Narrativas Jornalísticas de Cunha Biográfico**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC. Santa Cruz Do Sul, 2014.

BENTES, Ivana. **Memética, multidão e midialivrisimo** – a comunicação pós-mídia de massas. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p. 31, jun. 2014.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. (2006) Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acessado em maio 2006.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo – O Filho Bastardo do New Journalism**. Porto Alegre, 2003. Monografia (Comunicação Social – UFRGS).

DETONI, Márcia. **O audiovisual de não-ficção e a “Maldição do jornalístico”**. Estudos em Comunicação nº7 - Volume 2,63-84. 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. **OMBUDSMAN: a interrupção de uma fala transversal.** In: Revista Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 19, julho/dezembro 2008.

_____. **Transformações nos discursos jornalísticos: a atorização do acontecimento.** In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro. Anais

MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um produto à venda.** São Paulo: Summus, 1988.

_____. **Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade.** Revista Matrizes, Ano 2- Nº1/2008. pgs 78-79

MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985. MORAES, Fabiana. Joaquim Nabuco – Quase Brancos, Quase Negros; Um Pé no Salão, Outro na Senzala. Caderno especial do Jornal do Commercio. Recife, 2010.

OLIVEIRA, Edileusa Martins. **O método no Cinema Processo: uma experiência potiguar.** Natal, 2015. Monografia (especialização em Cinema UFRN).

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio– org. **Narrativas Comunicacionais Complexificadas.** Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2014.

SANTOS, Kássia. **Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum.** Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/KassiaSantos.pdf>> Acesso em: 25.01.2016.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os Gêneros Jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação.** Covilhã. LabCom Books, 2009.

SOSTER. Demétrio. **A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiático.** Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, julho, 2015.